

6 com
Brasil, o
mercado
GAZETA MERCA
emergente
de 1995

por Patrick McCurry
do Financial Times

O volátil mercado de ações do Brasil apresentou um espetacular crescimento neste ano e, com uma nova moeda derrubando a inflação e um novo presidente modernizador em via de tomar posse, muitos analistas estão classificando o País como o grande mercado emergente em 1995.

Eles destacam a economia do Brasil, com seus 157 milhões de consumidores potenciais, um dinâmico setor privado operando bem abaixo da capacidade e um mercado de ações que eles consideram altamente subvalorizado quando se leva em consideração o potencial de crescimento do País.

"Há muita expectativa em relação à possibilidade de o Brasil voltar à sua grande fase entre os anos 50 e 70, quando sua taxa média de crescimento era de 7% ao ano", diz Emily McLaughlin, diretora da instituição sediada em Londres Foreign and Colonial Emerging Markets.

Embora, recentemente, a bolsa tenha oscilado muito, o índice selecionado da Bolsa de Valores de São Paulo das 55 ações mais comercializadas valorizou-se aproximadamente 70% neste ano, graças ao otimismo em relação à nova moeda, o real, que levou a uma aguda queda da inflação e à perspectiva de reformas econômicas sob o futuro presidente, Fernando Henrique Cardoso.

Mas há dúvidas. Alguns investidores se lembram de que, há apenas um ano, o mercado do México era anunciado como uma das grandes oportunidades para este ano, mas em vez disso fracassou, em razão de um conjunto de violência política e fracos resultados empresariais.

As previsões para o mercado do Brasil, que teve uma capitalização de US\$ 190 bilhões no final de outubro, dependem da introdução de reformas econômicas para fornecer uma base de crescimento a longo prazo de ganho das empresas, dizem os analistas.

Estas reformas incluem a melhoria de um inadministrável sistema de finanças públicas, um sistema de impostos complicado e ineficiente e de um sistema previdenciário que enfrenta sérios problemas financeiros, bem como o incremento das privatizações.

Há pouca probabilidade de um rápido progresso no início do próximo ano.

ETA MERCANTIL

5 DEZ 1994

GAZETA MERCANTIL



POLÍTICA ECONÔMICA

Brasil, o mercado emergente de 1995

por Patrick McCurry
do Financial Times
(Continuação da 1ª página)

Cardoso, que toma posse em 1º de janeiro, está naturalmente cauteloso e terá que negociar as reformas com um novo Congresso que toma posse em meados de fevereiro.

Robert J. Pelosky, principal estrategista do escritório de pesquisa da América Latina, do Morgan Stanley, em Nova York, está cético em relação à velocidade das reformas brasileiras e ressalta que o índice selecionado das 55 ações mais negociadas valorizou-se cerca de 300% nos últimos dois anos, em grande parte devido a expectativas de estabilidade econômica.

"O dinheiro fácil foi ganho no Brasil e no próximo ano o governo terá que tomar algumas duras decisões. Será um processo gradual", diz ele, acrescentando que o mercado brasileiro é comparativamente caro, negociando a 19 vezes os ganhos estimados para 1995.

Este ceticismo parece ter sido em parte refletido pelos investidores recentemente.

Desde que Cardoso foi eleito em 3 de outubro, o índice caiu cerca de 20% devido à queda de lucros e ao aumento das taxas internacionais, bem como à crença dos investidores de que o processo de reformas será mais lento do que se esperava e que a privatização de empresas como a Telebrás, monopólio do setor de telecomunicações, e a Petrobrás, do setor de petróleo, são improváveis a curto prazo.

O mercado também se tem preocupado com a precariedade de algumas partes do sistema financeiro durante a atual estabilização.

Há duas semanas o índice selecionado caiu 12% em consequência de preocupações sobre um enxugamento de liquidez que levou à liquidação de sete pequenos bancos desde que o Real foi lançado em julho. Um anúncio do Banco Central de que estava relaxando o

arrocho sobre instituições menores ajudou a acalmar os investidores.

Mas os negócios estão estagnados. A média do volume diário negociado, incluindo opções, foi de US\$ 315 milhões em novembro, em comparação com os mais de US\$ 500 milhões em setembro e outubro.

De acordo com analistas o mercado está esperando que Cardoso anuncie suas propostas de reforma, incluindo mudanças prováveis na Constituição.

Outra incerteza envolve o comportamento futuro dos investidores estrangeiros, que vêm sendo um dos motores do crescimento do mercado.

No ano passado o investimento externo líquido nos mercados de capital do Brasil, principalmente no mercado acionário, registrou uma cifra recorde de US\$ 5,5 bilhões, que ajudou o índice selecionado a mais do que duplicar um valor.

Mas nos primeiros dez meses deste ano as entradas líquidas foram de US\$

3,4 bilhões e poucos analistas esperam uma grande afluência de capital estrangeiro no começo do próximo ano.

"Como de hábito, o Brasil está indo contra a corrente. Justamente quando as taxas internacionais de juro estão tirando dinheiro dos mercados emergentes, o país está em via de implementar reformas", diz Roberto Serweczak, diretor comercial da corretora Barings em São Paulo.

Pelosky observa que o Brasil pode ser um alvo para lucros por parte de investidores do exterior. "Os mercados acionários mundiais estão sob pressão e o Brasil seria um dos mercados mais óbvios para se ter lucro em razão de seus ganhos neste ano."

Uma redução dos investimentos de portfólios estrangeiros pode, no entanto, agradar o Banco Central do Brasil, que está preocupado com a enorme afluência de moeda estrangeira contribuindo para uma sobrevalorização do real.